



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Manoel Genesio da Silva Neto

Serra Talhada

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

PRODUÇÃO E MANEJO DE EQUINOS MANGALARGA MARCHADOR NO
HARAS CASCATINHA EM CAMARAGIBE-PE

Relatório apresentado ao curso de Zootecnia como parte das exigências para obtenção do grau de Bacharel em Zootecnia.

Professor orientador: Dr.
Juliano Martins Santiago

Supervisor de estágio: João
Luís de Albuquerque
Vasconcelos

Manoel Genesio da Silva Neto

Serra Talhada

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S586p Silva Neto, Manoel Genesio da

Produção e manejo de equinos mangalarga marchador no haras cascatinha em Camaragibe-PE / Manoel Genesio da Silva Neto. – Serra Talhada, 2019.

24 f.: il.

Orientador: Juliano Martins Santiago

Relatório (Graduação em Bacharelado em Zootecnia) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências.

1. Alimentação dos animais. 2. Cavalos - Exposições. 3. Produção animal. I. Santiago, Juliano Martins, orient. II. Título.

CDD 636

Relatório apresentado e aprovado em 11 de Fevereiro de 2019 pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr.:Juliano Martins Santiago
Doutor em Zootecnia

Prof^a. Dr.:Mariany Souza de Brito
Doutora em Nutrição de Não-Ruminante

Prof^a. Dr.: Marilene Maria de Lima
Doutora em Medicina Veterinária

Marco Aurélio Carneiro de Holanda
Doutor em Zootecnia

Serra Talhada
2019

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me dado força e nunca me deixar desistir.

Agradecer a minha família e a meus pais pelas oportunidades dadas para fazer aquilo que gosto.

A todos os amigos que conheci durante este período, em especial: Álvaro Amaral (Cha), Bruno Almeida, Jose Weliton (Índio), Marcos Antônio (Quixabinha - *in memorian*), Tamires Mayara, Wiliane, Pedro (Buchada), Lucinéia (Néa).

A Jheiny por me fazer feliz e não me deixar desistir mesmo com todas as dificuldades, ser esta doidinha que adoro estar junto, fazendo raiva e tirando do sério.

A Unidade Acadêmica de Serra Talhada pela oportunidade de cursar e me formar no curso de graduação em Zootecnia, que me fez crescer tanto profissional quanto pessoalmente.

Aos docentes do curso de Zootecnia que me passaram seus conhecimentos e me fizeram crescer.

Ao meu orientador Juliano Santiago por acreditar em mim e passar seus conhecimentos.

Ao meu supervisor de estágio João Luís por me orientar no estágio e fazer com que eu tenha uma visão diferente de produção e profissionalismo.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO GERAL	7
2.	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	9
2.1	LOCAL DE ESTÁGIO	9
2.2	INSTALAÇÕES.....	10
2.3	MANEJO NUTRICIONAL.....	13
2.4	MANEJO REPRODUTIVO.....	16
2.5	ANEJO SANITÁRIO	17
2.6	DOMA.....	18
2.7	TREINAMENTO	19
2.8	COMPETIÇÕES	20
2.9	CASQUEAMENTO E FERRAGEAMENTO	20
3.	COMERCIALIZAÇÃO	21
4.	DIFICULDADES ENCONTRADAS	22
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6.	REFERÊNCIAS	24

LISTA DE FIGURA

<i>Figura 1. Estátua do padreador Brilhante Sael.....</i>	<i>9</i>
<i>Figura 2. Vista externa das baias.....</i>	<i>10</i>
<i>Figura 3. Depósito de ração.....</i>	<i>11</i>
<i>Figura 4. Selas.....</i>	<i>12</i>
<i>Figura 5. Arreios</i>	<i>12</i>
<i>Figura 6. Redondel.....</i>	<i>13</i>
<i>Figura 7. Parte externa do bebedouro.....</i>	<i>14</i>
<i>Figura 8. Capim Elefante picado na forrageira.....</i>	<i>15</i>
<i>Figura 9. Matrizes.....</i>	<i>16</i>
<i>Figura 10. Garanhão Brilhante Sael.....</i>	<i>17</i>
<i>Figura 11. Tosa das orelhas</i>	<i>18</i>
<i>Figura 12. Potro em processo de doma</i>	<i>19</i>
<i>Figura 13. Cavalos em treinamento</i>	<i>19</i>
<i>Figura 14. Tosa dos animais</i>	<i>20</i>
<i>Figura 15. Casqueamento.....</i>	<i>21</i>

RESUMO

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) teve como objetivo aplicar e enriquecer os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas: “Nutrição de Equinos”, “Produção e Manejo de Equino”, “Exposições, Parques, Leilões de Animais e Legislação” e “Comercialização e Marketing Rural”. O ESO foi realizado no Haras Cascatinha, localizado em Aldeia dos Camará, município de Camaragibe - PE, entre 16 de outubro de 2018 e 16 de janeiro de 2019, totalizando 330 horas. Durante o estágio acompanhei os tipos de alimentos utilizados no haras e a forma como esses eram fornecidos aos equinos, as técnicas reprodutivas usadas na criação, as práticas sanitárias adotadas para saúde dos animais e segurança das instalações, assim como o treinamento e participação dos cavalos em exposições agropecuárias. Além de propiciar aplicação dos conceitos e práticas aprendidos em sala de aula, no ESO vivenciei as vantagens e desafios das atividades a campo e do trabalho em grupo.

Palavras-chave: Alimentação, cavalo, exposição, treinamento.

1. INTRODUÇÃO GERAL

A equideocultura brasileira, responsável pelo quarto maior rebanho de equinos do mundo, com 5,9 milhões de animais, é um importante ramo da agropecuária, sendo responsável pela geração de 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos e movimentação de 7,5 bilhões de reais por ano no agronegócio brasileiro (LIMA, 2006)

A raça nacional Mangalarga Marchador surgiu há cerca de 200 anos no Sul de Minas Gerais, através do cruzamento de um garanhão Alter com éguas nativas (CASIUCH, 1997). Atualmente é a mais numerosa raça nacional de equinos, tendo sido objeto de atenção, tanto por sua beleza zootécnica e andamento marchado, quanto por seu desempenho na agropecuária. A versatilidade dos equinos Mangalarga Marchador, aliada a sua conformação e andamento marchado, são características que levam os animais a atingirem elevados preços no mercado (SANTIAGO, 2013).

Os equinos apresentam amplo espectro de funções devido às características anatômicas adquiridas em sua evolução. Sua variabilidade genética resulta em particularidades morfológicas e neurológicas, que conferem variadas formas de deslocamentos, caracterizando os diversos andamentos (PROCÓPIO et al., 2005). Em relação à marcha, Procópio (2005) afirmou que existem grandes variações neste complexo andamento. Essas variações podem ser simplificadas com a definição da marcha picada, em que os membros se movimentam predominantemente com os bípedes laterais, aproximando-se, em seus extremos, da andadura. A marcha batida, por outro lado, apresenta predomínio dos deslocamentos dos bípedes em diagonal, aproximando-se do trote.

Atualmente, a alimentação do cavalo está completamente alterada. Isto se deve à sua progressiva domesticação e ao tipo de esforço físico a que estão sujeitos. A sua dieta é agora muito mais controlada e existe um leque muito vasto de alimentos disponíveis comercialmente. Para obter um cavalo saudável, é importante proporcionar uma boa nutrição, balanceada e adequada a cada categoria do rebanho. Também são importantes exercícios diários, manejo adequado de intervalo de alimentação e disponibilidade de sal mineralizado e água de boa qualidade (CPT, 2019).

A procriação de equinos é quase sempre o objetivo de muitos proprietários que almejam aumentar seus plantéis e obter animais geneticamente superiores. Os projetos reprodutivos, no

entanto, precisam contar com o planejamento de profissionais especializados, que tem como uma das metas controlar e acompanhar o ciclo estral das éguas. Este ciclo estral está, muitas vezes, relacionado às estações e dias com mais ou menos luz, sendo possível ao homem interferir, por meio de diferentes tecnologias, neste processo. É preciso ainda monitorar a capacidade reprodutiva dos garanhões, por meio de diferentes exames. O manejo reprodutivo pode contar ainda com outras técnicas, como a inseminação artificial e transferência de embriões, que vêm crescendo nos últimos anos e trazendo muitos benefícios (ESCOLA DO CAVALO, 2019).

Um manejo sanitário adequado é apenas parte de um programa que visa a saúde dos animais de um plantel e deve incluir controle dos parasitas internos e externos, assim como controle de doenças infecciosas e programas de vacinação. Medidas simples de higiene também são extremamente importantes na prevenção e controle de várias afecções que acometem os equinos. Escolhas adequadas às necessidades do plantel, assim como práticas de manejo corretas, mão de obra treinada e registros zootécnicos atualizados são essenciais para o sucesso do programa. A importância de um manejo sanitário adequado justifica-se não só pela representatividade do rebanho equino brasileiro no panorama mundial, mas principalmente pelo controle de zoonoses.

Neste contexto, o ESO realizado no Haras Cascatinha teve como objetivo vivenciar a criação e utilização de equinos da raça Mangalarga Marchador, buscando a troca de conhecimentos com os profissionais envolvidos na criação.

2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

2.1 LOCAL DE ESTÁGIO

O estágio foi realizado no haras Cascatinha, localizado em Aldeia dos Camarás, município de Camaragibe - PE. A propriedade pertence ao criador João Vita Fragoso de Medeiros, que se consolidou na produção e comercialização de equinos Mangalarga Machador de marcha picada. O ESO foi realizado entre 16 de outubro de 2018 e 16 de janeiro de 2019, totalizando 330 horas.

O haras Cascatinha é reconhecido nacionalmente pela alta qualidade dos seus equinos Mangalarga Marchador de marcha picada, tendo conquistado 50 campeonatos nacionais da raça nessa modalidade de andamento. O maior destaque do seu plantel é o garanhão Brilhante Sael, que alcançou marco histórico ao se tornar o primeiro reprodutor de marchar picada a ser inscrito no Livro de Elite da raça Mangalarga Marchador. Tamanha estima do senhor João Fragoso ao Brilhante Sael culminou na eternização do garanhão em uma estátua (Figura 1).

Figura 1. Estátua do padreador Brilhante Sael



Fonte: Silva Neto (2018)

Além do Haras Cascatinha, o senhor João Fragoso possui outra propriedade, situada em Limoeiro - PE, dedicada às atividades de cria e recria dos potros e também criação de bovinos de corte da raça Nelore.

2.2 INSTALAÇÕES

No haras haviam 48 baias de alvenaria, com dimensões de 5,0 m de comprimento, 3,0 m de largura e pé direito com 3,0 m de altura. A frente das baias possuía meia parede de tijolos e acima dela três barras de ferro asseguravam a contenção dos animais. As portas das baias eram de ferro e vazadas, possibilitando vista para o pátio e maior circulação de ar. A cobertura era de telhas de barro para melhor conforto térmico. Colaborando ainda mais para o bem estar dos animais, toda a parte de trás das baias era sombreada por árvores frutíferas (Figura 2).

Figura 2. Vista externa das baias



Fonte: Silva Neto (2018)

Como a propriedade situava-se em uma região metropolitana, não dispunha de grandes áreas verdes. Assim, haviam apenas seis piquetes, cercados por réguas de madeira, com dimensões de 15 x 10 m, formado por Grama Batatais (*Paspalum Notatum Fluegge*). Como a quantidade de equinos mantidos no haras era oito vezes superior ao número de piquetes, a soltura dos animais nos piquetes era feita de forma revessada, ou seja, um cavalo a cada dia.

Além dos conjuntos de baias e piquetes, o haras também possuía duas capineiras, um depósito de ração, uma selaria, duas pistas de treinamento e um redondel. As capineiras, responsáveis por todo o abastecimento de volumoso consumido pelos animais, eram de Capim Elefante (*Pennisetum purpureum*) e apenas uma delas era irrigada.

O depósito de ração, com dimensões de 3 x 4 m e pé direito de 3,0 m, era de alvenaria e todo fechado, possuindo apenas uma porta. O piso era de cimento e sobre ele colocava-se

paletes e estrados de madeira, para evitar contato direto da ração com a umidade e sujidades do chão (Figura 3).

Figura 3. Depósito de ração



Fonte: Silva Neto (2018)

A selaria era bem ventilada e nela as selas eram guardadas em suportes de parede. As mantas eram lavadas semanalmente, para evitar mau cheiro e, sempre após o uso, eram estendidas do lado de fora da selaria para secarem (Figura 4). Os arreios (cabrestos, cabeçadas, bridões e freios) eram guardados em ganchos nas paredes e, após o uso, passava-se água neles para melhor higiene e conservação (Figura 5).

Figura 4. Selas



Fonte: Silva Neto (2018)

Figura 5. Arreios



Fonte: Silva Neto (2018)

As duas pistas de treinamento eram retangulares, com dimensões de 20 x 30 m, feitas com réguas de madeira e piso gramado. Já o redondel, com 6,0 m de diâmetro, tinha piso de areia.

Figura 6. Redondel



Fonte: Silva Neto (2018)

No haras Cascatinha haviam sete funcionários envolvidos na criação dos cavalos. Parte das funções administrativas era realizada pelo filho do proprietário. O gerente do haras ficava responsável pelo transporte dos animais, recepção dos insumos (ração, sal mineralizado e medicamentos) e pagamento dos demais funcionários. Três funcionários eram encarregados de domar, treinar e apresentar os animais nas competições. Outros dois funcionários realizavam a limpeza das baias e a alimentação dos equinos. Devido ao grande número de baias e poucas áreas de pasto, das duas capineiras retirava-se praticamente todo o suprimento de volumoso consumindo pelos cavalos, o que exigia um único empregado para manejá-las e providenciar o corte do capim.

Embora o proprietário possuísse 180 equinos Mangalarga Marchador, destes apenas 48 eram mantidos na propriedade situada em Aldeia dos Camará. Os demais 132 animais eram criados na propriedade de Limoeiro.

Durante o ESO no haras Cascatinha foram acompanhadas atividades relacionadas aos manejos nutricional, reprodutivo e sanitário, assim como a doma dos potros, treinamento, competições, ferrageamento e comercialização dos animais.

2.3 MANEJO NUTRICIONAL

No haras Cascatinha a rotina de alimentação dos animais resumia-se ao fornecimento de água, volumoso e alimento concentrado.

A água utilizada no haras era retirada de uma cacimba e armazenada em uma caixa d'água principal, com capacidade para 30 mil litros. Nessa caixa d'água era acrescentado cloro à água, que permanecia em repouso por 48 horas. Após o tratamento, a água era distribuída para caixas d'água menores, com capacidade de até 5 mil litros, distribuídas em diferentes locais do haras, possibilitando assim o abastecimento dos bebedouros e banhos dos animais.

Os cochos eram de alvenaria, construídos em apenas uma lateral da baia e possuíam divisórias para separação dos tipos de alimento. Os bebedouros, feitos de material pré-moldado, ficam metade dentro da baia e metade do lado de fora. A parte do bebedouro que ficava do lado de fora possuía uma boia, assim os bebedouros permaneciam sempre cheios (Figura 3). A limpeza dos bebedouros era realizado diariamente pela manhã, sendo esvaziados e esfregados com uma bucha ou escova.

Figura 7. Parte externa do bebedouro



Fonte: Silva Neto (2018)

O volumoso fornecido era o Capim Elefante (*Pennisetum purpureum*). Sua escolha deveu-se à alta produção de massa verde e fácil adaptação às diferentes condições edafoclimáticas (PEGORARO et al., 2009), tendo grande importância para a produção animal (ALENCAR, 2002).

O Capim Elefante, manejado à altura de 1,5 m, era cortado diariamente e picado na forrageira, sendo ofertado duas vezes ao dia, sempre às 07h30min e às 16h00min. Segundo Cintra (2011), a alimentação do equino deve ser realizada sempre no mesmo horário, pois mudanças na rotina alimentar dos cavalos podem ocasionar estresse e desenvolvimento de distúrbios gastrointestinais.

Antes da oferta do volumoso era verificava a presença de sobras no cocho. Caso houvessem sobras, essas eram retiradas e espalhadas no piso das baias, sendo retiradas da baia juntos com as fezes, no horário da limpeza dessas instalações. Após retirada das sobras, o volumoso recém cortado era fornecido. Ofertava-se aproximadamente 22 kg de capim picado por dia a cada animal. Além do capim picado, quando eram soltos nos piquetes os equinos também consumiam Grama Batatais.

Figura 8. Capim Elefante picado na forrageira



Fonte: Silva Neto (2018)

Os equinos recebiam suplementação com dois tipos de alimento concentrado, ofertados três vezes ao dia:

- Ração comercial DuRancho - fornecida às 08h00min e às 15h00min, na quantidade de 1,5 kg por refeição;
- Ração misturada no haras - fornecida às 10h30min, na quantidade de 2,0 kg por refeição;

A mistura de ração na propriedade tinha por finalidade reduzir o custo com a alimentação dos animais, sendo composta por: 60 kg de milho triturado, 90 kg de farelo de trigo e 04 kg de sal mineralizado comercial. O sal mineralizado ficava disponível à vontade nas baias e nos piquetes.

2.4 MANEJO REPRODUTIVO

As matrizes do haras ficavam na fazenda de Limoeiro, sendo mantidas em regime a pasto com suplementação de sal mineralizado. Apenas as éguas no terço final da gestação e as fêmeas com potro ao pé recebiam suplementação de concentrado, fornecido de forma individualizada em unidades de serviço (lanchonete). Os potros eram desmamados com sete meses onde ficavam em um piquete onde não se tinha separação de sexo. Ao completarem um ano eram postos em piquetes separados em fêmeas e machos, para que não tenha problema de brigas. Parte dos garanhões permaneciam em Limoeiro e os outros eram criados no haras Cascatinha.

No haras utiliza-se monta controlada, coleta de sêmen, inseminação artificial, transferência de embriões e é feito a confirmação de prenhes tanto por toque quanto por uso de ultrassom. A técnica reprodutiva adotada depende da finalidade e valor genético dos indivíduos envolvidos.

Figura 9. Matrizes



Fonte: Silva Neto, (2018)

Figura 10. Garanhão Brilhante Sael



Fonte: Silva Neto, (2018)

2.5 MANEJO SANITÁRIO

Após o fornecimento do concentrado, realizava-se a limpeza dos bebedouros. Na sequência, as baias eram limpas, com retirada das fezes com rastelo e garfo e, utilizando carrinho de mão, o estrume e as sobras de capim picado eram levados direto para as capineiras, sendo imediatamente espalhadas no solo.

A falta de esterqueira no haras deve ser vista com ressalva, pois o esterco fresco depositado diretamente na capineira favorecerá o ciclo dos ecto e endoparasitas, propiciando proliferação de insetos e vermes.

Devido à grande quantidade de baias, o serviço de limpeza delas eram paralisado às 10h00min para arraçãoamento dos animais, retornando a limpeza às 13h00min. A cama das baias, composta por bagaço de cana picado, era totalmente trocada a cada quatro meses.

Os equinos eram banhados e escovados diariamente, visando controle de ectoparasitas. As orelhas dos animais também eram tosquiadas para facilitar a visualização de carrapatos que por ventura surgissem, já que a prevalência de carrapatos na propriedade era muito baixa (Figura 11).

Figura 11. Tosa das orelhas



Fonte: Silva Neto, (2018)

Exames para Mormo, Anemia Infecciosa Equina e Influenza eram realizados rotineiramente, pois além de serem importantes para o controle da saúde do rebanho, eram obrigatórios para o transporte dos cavalos nas rodovias e também exigidos na recepção dos animais em parques de exposições. O calendário de vacinação da propriedade envolvia imunização do rebanho contra Influenza, Tétano e Raiva. O controle dos parasitos gastrointestinais era realização com vermifugação de todo o rebanho a cada seis meses sem distinção de idade.

2.6 DOMA

Os potros eram mantidos na fazenda de Limoeiro do nascimento até os três anos de vida. A partir dos sete meses eram desmamados e levados para um piquete onde permaneciam com outros da mesma idade. Ao completarem um ano, potros e potras eram separados para evitar brigas e acasalamentos precoces.

Aos três anos os potros destinados ao treinamento eram enviados para o Haras Cascatinha, momento em que se iniciavam na doma. A doma de solo compreendia o uso, por duas semanas, de cabresto com uma corda que descia até a altura do joelho facilitando o manejo dos potros e os banhos. Após a doma de chão os potros eram trabalhados, por mais duas semanas, no redondel. Em seguida, iniciava-se o trabalho de charreteamento (Figura 12).

Figura 12. Potro em processo de doma



Fonte: Silva Neto, (2018)

2.7 TREINAMENTO

Os cavalos em preparação para provas de marcha eram montados três vezes por semana, com duração que variava entre 40 minutos e uma hora e meia, dependendo do nível de condicionamento físico de cada indivíduo. As sessões de exercícios eram realizadas nas pistas gramadas ou em estradas de terra batida próximas do haras.

Os animais eram exercitados para que fique em posição de parada, totalmente alinhados os membros e cabeça erguida para ser feito o julgamento de morfologia. O treinamento de sela começava a passo e na marcha tanto na pista gramada quanto em estradas de terra batida (Figura 13).

Figura 13. Cavalos em treinamento



Fonte: Silva Neto, (2018)

2.8 COMPETIÇÕES

Durante o estágio ocorreu na cidade de Recife a 77ª Exposição Nordestina de Animais. Todos os anos o Haras Cascatinha participa desse evento. Assim, pude acompanhar a preparação e participação de três equinos machos que competiram na categoria convencional, disputando com animais de mesma faixa etária.

O treinamento dos cavalos para a 77ª Exposição Nordestina de Animais iniciou seis meses antes do evento. Os animais receberam treinamento técnico, necessário para o julgamento de morfologia e condicionamento físico, essencial para as provas de marcha. Próximo ao evento e já no parque de exposição foram intensificadas os cuidados com a higiene e beleza (Figura 14).

Figura 14. Tosa dos animais



Fonte: Silva Neto, (2018)

Como o haras era próximo do evento, os equinos foram conduzidos para o parque de exposição no dia das competições. O transporte foi feito no caminhão do próprio haras. Já no parque os animais foram alojados em baias, até o momento dos julgamentos, que teve duração de quatro dias de competições. Sendo campeões nas suas modalidades dando destaque para o animal Jogo do Haras Cascatinha que foi campeão dos campeões da macha.

2.9 CASQUEAMENTO E FERRAGEAMENTO

Os equinos eram casqueados mensalmente, no próprio haras, pelos funcionários Ricardo, Cristiano e Hugo. A função do casqueamento era corrigir os aprumos dos animais, evitando-se desenvolvimento irregular do casco e, conseqüentemente, defeitos de aprumos e alteração da marcha. Quando necessário, os cavalos também eram ferrados.

Para fazer o casqueamento eram utilizadas ferramentas apropriadas como rinetes, grossa e alicate turquesa, que possibilitam o corte e balanceamento dos cascos. Já para o ferrageamento usava-se grampos curvos, bigorna, martelo e marreta para modelar as ferraduras e fixá-las na solas dos cascos (Figura 15).

Figura 15. Casqueamento



Fonte: Silva Neto, (2018)

3. COMERCIALIZAÇÃO

Os equinos machos eram comercializados com maior frequência, permanecendo no haras apenas os indivíduos com maior potencial para competirem nos julgamentos da raça. Além da venda de 100% do animal, também eram realizadas vendas de cotas dos equinos, geralmente vendia-se 50% do cavalo, assim o comprador tornava-se sócio do haras. No caso das fêmeas, parte era comercializada e parte mantida no plantel para renovação das doadoras, matrizes e receptoras.

A comercialização dos animais era feita de três formas: Vendas *online*, através do “Facebook” do haras, onde havia descrição completa de cada equino à venda ou pelo site “Shopping do Cavalo”: onde fica disponível em um site cavalos de vários haras por um período de tempo e disponível para ser visto e montados no próprio haras. Vendas realizadas diretamente na propriedade; Leilões.

Durante o período do ESO foram comercializados 11 animais, sendo: três vendas online para o estado do Rio de Janeiro (um macho e duas fêmeas), seis animais no 1º Leilão Nordeste Marchador (todos machos) e dois machos castrados comercializados diretamente na propriedade.

4. DIFICULDADES ENCONTRADAS

As dificuldades encontradas foram em relação à grande quantidade de documentos exigidos pela Unidade Acadêmica de Serra Talhada - Universidade Federal Rural de Pernambuco para realizar o ESO e os prazos muito curtos para entregá-los.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi muito enriquecedor, tanto do lado profissional quanto social, já que aprendi a trabalhar mais em grupo e pude perceber a importância do curso que desejei como profissão. Pude também aumentar meu conhecimento, vivenciar novas formas de produção e ver a importância socioeconômica do cavalo em Pernambuco.

6. REFERÊNCIAS

ALENCAR, C.A.B. Resultados obtidos em fazendas produtoras de leite em pastagens manejadas intensivamente. In: MARTINS, C.E.; CÓSER, A.C.; YAMAGUCHI, L.C.T. et al. (Eds.) Gestão estratégica para o desenvolvimento da pecuária leiteira na região Campo das Vertentes. Juiz de Fora: Embrapa CNPGL/Cemig, 2002. p.98-122.

CASIUCH, R. O romance da raça: histórias do cavalo Mangalarga Marchador. São Paulo: Empresa das Artes, 1997. 254p.

Cursos Presenciais - CPT, 2019. Disponível em: <<http://www.escoladocavalo.com.br/2013/01/11/manejo-nutricional-de-equinos-alimentos-e-alimentacao/>>. Acesso em: 30 de Jan. 2019.

ESCOLA DO CAVALO, 2019. Disponível em: <<http://www.escoladocavalo.com.br/2017/06/17/o-manejo-reprodutivo-dos-equinos/>>. Acesso em: 30 de Jan. 2019.

LIMA R.A.S.. Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalo no Brasil/Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ, Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. Brasília: CNA; MAPA, 2006.

PEGORARO, R.F.; MISTURA, C.; WENDLING, B. et al. Manejo da água e do nitrogênio em cultivo de capim-elefante. Ciência e Agrotecnologia, v.33, n.2, p.461-467, 2009

PROCÓPIO, A.M. Análise cinemática da locomoção de equinos marchadores. 2005. 69f. Tese (Doutorado em Zootecnia) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTIAGO, JULIANO MARTINS et al. Comparação entre as medidas morfométricas do rebanho atual de machos Mangalarga Marchador e dos campeões da raça. **Boletim da Indústria Animal, Nova Odessa**, v. 70, n. 1, p. 46-52, 2013.